

O Ato Analítico: um ato que não faz Um.

The Analytical Act: an act that doesn't make One.

ROSELLA VILLA PUSINERI

JULIANA ZARATIEGUI

RESUMO:

Este artigo explora o ato analítico e a posição do analista em termos de localização de ambos na sua relação íntima com a lógica do *héteros*. Situa esta última como a lógica relevante para abordar os problemas de identidade, universalidade e totalização que são a preocupação da psicanálise. Estes desenvolvimentos são situados no dispositivo analítico, articulando a discursividade que aí se desenvolve com o ato que a provoca e sustenta: o ato analítico.

PALAVRAS-CHAVE: ato – dispositivo – identidade – hétero-identidade – discurso.

ABSTRACT:

This article explores the analytic act and the position of the analyst in order to locate both in their intimate relation to the logic of the heteros. It situates the latter as the relevant logic for addressing the problems of identity, universality and totalisation that are the concern of psychoanalysis. These developments are located in the analytic device, articulating the discursivity that unfolds there with the act that causes and sustains it: the analytic act.

KEYWORDS: act – device – identity-heteros – discourse.

“A posição do analista deve permanecer estritamente conforme ao seu ato porque no campo do fazer que ele inaugura com a ajuda deste ato não há lugar para nada que agrade ou desagrade. Se ele abre espaço para isso, ele o deixa”.¹

Introdução:

Este artigo trata do ato analítico, do fazer do psicanalista, da função e da posição relevantes para sustentar uma lógica que, em artigos anteriores, especificamos, seguindo Lacan, como a lógica do *Héteros*. Esta proposta tem-se constituído em torno dos desenvolvimentos sobre a sexualidade e a diferença sexual, questão que desenvolvemos numa série de trabalhos precedentes e aos quais não voltaremos aqui. Este fato fez com que fosse reduzida a questões relativas à identidade sexual e

¹ Lacan, J. (2008). *El Seminario. Libro 16*. Buenos Aires: Paidós. p. 321.

afastada da sua dimensão mais abrangente relativa aos problemas de identidade e de totalidade que preocupam profundamente a nossa prática da psicanálise.

O passo imediatamente anterior ao presente trabalho foi o de articular a performatividade da linguagem a essa lógica que não admite totalizações. Defendemos ali que a dimensão performativa da linguagem, que poderia situar-se nos desenvolvimentos de Lacan, em articulação com outras propostas contemporâneas, cria uma alteridade que, em nosso entender, sustenta e acompanha discursivamente a lógica do *Héteros*. Esta alteridade radical, este Outro radical, não faz Um.

O passo que nos propomos a dar é o de situar estes desenvolvimentos onde os consideramos fecundos nas suas consequências, isto é, no dispositivo analítico, articulando a discursividade que aí se desenrola com o ato que a provoca e sustenta: o ato analítico.

Consideramos que, para situar a dimensão e a especificidade desta última, é essencial, em primeiro lugar, situar o mapa das ideias e a conjuntura histórica em que J. Lacan emprega a sua teoria do ato, e depois abordá-la.

Programa de filosofia francesa de meados do século XX

Alain Badiou, no seu livro *La aventure de la philosophie française: a partir de 1960*,² afirma que, no início do século XX, começou a tomar forma aquilo a que chamará, com alguma hesitação, “filosofia francesa contemporânea”. Esta origem foi dada pela oposição de duas orientações. “A filosofia da vida”, baseada nos desenvolvimentos de Bergson, refletidos em duas conferências intituladas *O pensamento e o movimento*, e “A filosofia do conceito”, baseada nos trabalhos de Brunschvig no seu livro *As etapas da filosofia matemática*. A primeira propunha uma ontologia baseada na identidade do ser e da mudança, baseada na biologia moderna. A segunda, uma intuição conceitual baseada na matemática e na formação histórica dos simbolismos. Badiou coloca Deleuze entre os herdeiros da primeira e Levi-Strauss, Althusser, Lacan e Lyotard, entre outros, como herdeiros da segunda.

Segundo Badiou, a vida e o conceito conduzem à questão do sujeito, que organiza esta fase do questionamento filosófico. O sujeito humano é investigado em termos da sua vida animal e orgânica, e em termos da sua capacidade de pensamento e abstração. Neste sentido, a filosofia francesa de meados do século XX constitui uma enorme discussão em torno do legado de Descartes, que se interessava pela física das coisas e pela metafísica do sujeito. Assim, aquilo a que Badiou chama o momento filosófico francês, caracteriza-se por um programa de pensamento baseado em:

² Badiou, A. (2013). *A aventura da filosofia francesa: de 1960 em diante*. Buenos Aires: Eterna cadência.

1. Já não se opõe conceito e existência, pois o conceito é um ser vivo, uma criação, um “acontecimento”.
2. Inscrever a filosofia na modernidade – e este é um ponto que nos interessa – o que significava tirá-la da academia, fazê-la circular na vida. É por isso que ele se interessou pela modernidade sexual, artística, política e científica. Era necessário que a filosofia partisse de tudo isto, que se impregnasse dela e a incorporasse.
3. Abandonar a oposição entre filosofia do conhecimento e filosofia da ação de herança kantiana. A filosofia tinha de mostrar que o conhecimento é prática.
4. Colocar a filosofia na cena política sem passar pelo desvio da filosofia política. Para isso, os filósofos procuraram na política uma nova relação entre o conceito e a ação, sobretudo a ação coletiva, na busca de uma nova subjetividade que fosse homogênea à forte emergência dos movimentos coletivos. Estava inventado o filósofo militante.

A filosofia se faz eco das mudanças sociais, incorporando-se nos seus diversos movimentos e proclamações e, por sua vez, contribuindo com conceitos e ideias que as refletem. A filosofia e o senso comum amalgamam-se.

Neste contexto de ideias, surgiu em França, em 1968, um movimento conhecido como o “Maio francês”. As universidades tornaram-se centros de revolta. Os estudantes criticavam as formas de fazer amor, a vida cotidiana e a política. Os seus impulsionadores intelectuais tinham como inimigo conceitual o estruturalismo. A sistematização das relações e a utilização da formalização emprestada da linguística e da etnologia para analisar os movimentos sociais, eram vistas como rígidas, demasiado abstratas e conservadoras das tradições. A negligência da história e o lugar do singular no movimento estruturalista foram criticados. Os defensores destas críticas defendiam a importância do acontecimento e da ação nas ciências sociais, opunham os apaixonados pela ação aos reflexivos sobre a teoria. Questionaram fortemente a tradição acadêmica e o modo autoritário de apropriação do conhecimento. Questionaram o lugar da filosofia clássica como vértice de uma hierarquia doutrinal que desvalorizava outras áreas do saber. Assim, vários filósofos e intelectuais foram levados a “modernizar a filosofia”.

A posição do Outro, sempre Outro, Lacan.

É sabido que Lacan foi, e é, tachado de autor conservador e reacionário.³ No entanto, assinou um documento, juntamente com outros intelectuais, em apoio ao movimento estudantil, publicado no jornal *Le Monde*, e suspendeu a aula de 8 de Maio de 1968 do seu Seminário *O Ato Analítico*,

³ Eribon, D. (2022). *Escritos de psicanálise*. Buenos Aires: Cuenco de plata.

em apoio à greve que decorria na universidade. Não ficou à margem dos acontecimentos, o que é evidente na evolução do seu ensino durante esses anos. Nos *Seminários 16 e 17*, reconhece as críticas à psicanálise e à sua posição. Aí, dá conta de estar a par das objeções ao conceito de estrutura – tido como rígido e meramente conceitual –, à negligência da história e ao lugar do singular nos desenvolvimentos estruturalistas, e responde também às acusações de reacionarismo e antidialética.

As imputações acima referidas podem ser resumidas nas seguintes dicotomias:

Pensadores da história vs. Calculadores da estrutura.

Apaixonado pela ação vs. Reflexo da teoria.

É em resposta a estas tensões que Lacan propõe uma prática de estruturação sustentada num discurso sem palavras que se baseia na diferença, na relação com o Outro e impossível de totalizar como discurso, diz ele a este respeito:

Será sempre necessário extrair o que se postula como Universo do discurso do que se articula como discurso de qualquer campo que pretenda totalizá-lo.

No discurso analítico, trata-se de dar plena presença à função do sujeito [...] de se concentrar perpetuamente na falta.⁴

Estabelecendo-se teoricamente numa posição fora destas dicotomias:

- A particularidade da terapêutica nas suas estratégias com a verdade e a força que tais manobras seriam tomadas da teoria. Repudia os críticos da conceitualização que acusam o campo psicanalítico de uma “impossibilidade teórica”. Para isso, alude aos psicanalistas e à sua incapacidade de ver nos conceitos, na teoria e na psicanálise um saber transmissível com consequências.⁵

- Ele articula a referência estrutural com a dimensão histórica tal como concebida pelo materialismo histórico, ou seja, lendo o desenvolvimento da história como uma condição de existência. Ele encontra, por exemplo, no desenvolvimento da mais-valia de Marx, a condição de possibilidade para a invenção do objeto *a*:

A psicanálise só aparece como um sintoma na medida em que uma mudança decisiva na incidência do conhecimento na história já concentrou a função que

⁴ Lacan, J. (2008). Op. cit. pp. 55-56.

⁵ Ibidem. pp. 14-18.

define o objeto a fim de o colocar ao nosso alcance (referência à função da mais-valia).⁶

- Propõe uma prática da estrutura e um ato coerente com essa prática, questionando a suposta reatividade do estruturalismo, reatividade no sentido da filosofia, como aquelas forças que não se exprimem, que não exteriorizam as suas ações.⁷

Para tal, no *Seminário 15*, postula que o ato analítico é composto por quatro elementos: sujeito, relação ao Outro, saber e verdade.⁸ Nesta ocasião, e em virtude do tema que aqui nos convoca, sublinhamos o aspecto da relação com o Outro.

O ato psicanalítico apresenta-se como uma incitação ao conhecimento a partir de uma regra que tem o seu lugar na suposição sempre operativa de um Outro que, diga o que disser, sabe o que quer dizer, o que em filosofia se chama o princípio da razão suficiente:

No início da experiência analítica, não temos dificuldade em incitá-lo, em suma, a fazer fé nesse Outro como o lugar onde o saber se institui.

Outra em que o conhecimento é ilusoriamente articulado como Um.⁹

Trata-se da possibilidade estrutural da transferência e da produção de verdade a partir dessa função de saber – em princípio assumida. O psicanalista torna-se essa ficção e, como tal, ocupará o lugar do objeto *a*, suporte desse percurso e cujo destino será cair como resultado da operação analítica.

Localiza aí o paradoxo e o enigma do ato analítico:

Se o analista sabe o que é e a que conduz, como pode proceder a esse ato?¹⁰

Lacan situa esse Outro, onde o saber se torna Um com a verdade, em relação ao Deus dos filósofos, aludindo a toda ideia que ocupou, desde a queda da figura de Deus no Ocidente, seu lugar como princípio de toda razão e, por sua vez, o diferencia do Deus dos judeus. Este último seria um

⁶ Ibidem. p. 42.

⁷ Esperon, J. P. (2017). *O problema da reação e do ressentimento na teoria das forças de G. Deleuze*. Deleuze, no seu trabalho sobre Nietzsche, mostra que as forças ativas e reativas se encontram coexistentes e em correlação desde a origem. A ação e a reação são propriedades essenciais das forças e entre elas definem-se e distinguem-se com base na diferença de potência: as forças ativas “ativam” autonomamente a sua potência; e, pelo contrário, as forças reativas “reativam” a sua potência através de forças ativas; pois a reação é a resposta de uma força a um estímulo externo. A reação apresenta imediatamente alguma resistência à ação das forças ativas; e, neste sentido, as forças reativas tendem a parar o movimento das forças ativas, uma vez que abrandam e desaceleram o movimento.

⁸ Lacan, J. (1967-1968). *O Seminário. Livro 15*. Inédito.

⁹ Lacan, J. (2008). Op. cit. p. 42.

¹⁰ Ibidem. p. 315.

Deus que fala, que declara “Eu sou o que sou”, que não se declara Um, mas indica que onde quer que ele esteja não há outros ao mesmo tempo que ele. Ambas as figuras de Deus constituem a sede do Outro que responde à questão de saber por que o que é dito, é dito. Esta é a condição de partida e a possibilidade de um outro Outro.

O Outro radical que Lacan situa será um outro que não faz Um, que só será outro a partir de um outro. Outro *Héteros*. Um lugar propício, tal como o entendemos, para operar contra a consistência e as identidades localizáveis como causa do sofrimento neurótico, dado que, como diz Lacan, o neurótico tem necessidade de saber a verdade, ele é aquele a quem o saber incomoda.¹¹

Conclusões

O ato analítico é então concebido como uma experiência lógico-discursiva, que sustenta um dizer que age, rompe com as tradições e funda novos valores. Mas o que será sublinhado neste ato não são os novos valores alcançados através dele, mas sim a lógica do *héteros* e a discursividade performativa que o comanda, que os inocula como objeto *a* ou buraco, possibilitando assim sempre outros valores possíveis, sem que nenhum deles se possa configurar numa vertente universal, única e totalizante. O ato analítico produz um discurso sem palavras, na medida em que inscreve a relação puramente diferencial.

Em termos de produção lacaniana em torno do ato, pode-se assim assumir uma posição que não deixa de alertar para o problema do Um por todos os lados: não há individualidade absoluta nem humanidade como algo total e completo, não há nada fechado em si mesmo.

No que parece ser o nosso campo, não é permitida qualquer harmonia, seja qual for o nome que lhe dermos. É por isso que se coloca a questão do discurso que devemos efetuar, adequado a este campo.¹²

A advertência contra um novo mestre, no quadro dos acontecimentos que determinam a sua produção teórica, não é um grito reacionário, não é uma rendição a qualquer aparelho social, pois isso implicaria o seu fechamento total. Precisamente, este mesmo aviso pode ser o ponto de partida de uma abertura ao Outro que permite um dinamismo, a salvo de todas as pretensões de ideais universais e totalizantes.

¹¹ Ibidem. p. 318.

¹² Ibidem. p. 12.

A posição do analista não cederá a apreciações pessoais, a ideais epocais ou a preconceitos do tipo gosto ou desgosto. Esta posição terá de ser rigorosa no seu ato para se manter no campo do fazer que este ato inaugura, como diz a epígrafe.

A extração da dimensão do “você me agrada”, “você me desagrada” [...] o facto de haver um ser que, estando na posição de objeto a (buraco), faz girar o que diz respeito à verdade do psicanalista em torno de uma álgebra que não diz respeito a uma multidão de dimensões existentes, de dados, de elementos substanciais que estão em jogo ali, naquele lugar, respirando no divã, eis o que é a produção totalmente comparável à desta ou daquela máquina que circula no nosso mundo científico e que é propriamente a do psicanalista.¹³

¹³ Lacan, J. (1967-1968). Op. cit.

BIBLIOGRAFIA:

1. Badiou, A. (2013). *La aventura de la filosofía francesa. A partir de 1960*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora.
2. Eribon, D. (2022). *Escritos sobre el psicoanálisis*. Buenos aires: Cuenco de Plata.
3. Esperon, J. P. (2017). *El problema de la reacción y el resentimiento en la teoría de las fuerzas de G. Deleuze*. Disponible en www.notablesdelaciencia.conicet.gov.ar.
4. Lacan, J. (1967-1968). *El Seminario. Libro 15*. Inédito
5. Lacan, J. (2008). *El Seminario. Libro 16*. Buenos Aires: Paidós
6. Revueltas, A. (1998). 1968: La revolución de mayo en Francia. *Sociológica*, vol.13, núm. 38, pp. 119-162. Universidad Autónoma Metropolitana Distrito Federal, México.
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305026670006>
7. Marine, J. *Lacan y el mayo del 68. ¿Quiénes estaban buscando un nuevo qué?* Disponible en <https://latrivial.org/lacan-y-el-mayo-del-68-quienes-estaban-buscando-un-nuevo-que/>
8. Morales Ascencio, H. (2016). Historia y estructuralismo: Lacan y el movimiento del '68. *Revista Psicoanalítica*, vol. 3, 2016: 19-26.

ROSELLA VILLA PUSINERI

JULIANA ZARATIEGUI

Socias de APOLa La Plata.

E-mail: rosellavp@yahoo.com | jzaratiegui@gmail.com